



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**  
**Faculdade de Direito e Relações Internacionais**  
**Curso de Relações Internacionais - FADIR**

**FERNANDA NASCIMENTO RIBEIRO**

**CRESCIMENTO ECONÔMICO E DESENVOLVIMENTO: OS**  
**DESAFIOS DA CHINA NO SÉCULO XXI.**

**Dourados - MS**  
**2014**

**Fernanda Nascimento Ribeiro**

**CRESCIMENTO ECONÔMICO E DESENVOLVIMENTO: OS  
DESAFIOS DA CHINA NO SÉCULO XXI.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Professor Me. Hermes Moreira Junior.

**Dourados - MS  
2014**

Dedico este trabalho a todos aqueles que me ajudaram e consolaram a todos e quaisquer momentos não só desta jornada, mas como também durante o período da minha graduação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as graças concedidas sempre.

Em segundo lugar, devo agradecer meus pais, pois sem o apoio financeiro e emocional, não teria chegado tão longe quando já pensei em desistir algumas vezes. Agradeço o meu pai Rodberto Sant'Ana Ribeiro, por todo carinho e atenção, por ter vindo este ano me visitar e ficar uma semana aqui em Dourados conhecendo o meu dia-a-dia, por sempre acreditar em mim e acreditar neste sonho. Agradeço também a minha mãe Eliana Nascimento, que sempre se fez presente em toda minha vida, nos bons e maus momentos, me protegendo e amparando sempre. Muito obrigada por sempre ser a pessoa que és. Obrigada por sempre aguentarem os meus estresses não só em relação à faculdade, mas como em todos os outros.

Agradeço a minha avó Afonsina Caminada do Nascimento, que se tornou uma segunda mãe e uma melhor amiga, sempre fazendo dos meus dias em Assis maravilhosos por estar junto a ela. Vocês são os amores da minha vida. Agradeço também a minha tia Veronilce Nascimento Pupim, que também não é só uma simples tia, mas uma grande amiga, com quem sempre passo inúmeras tardes deliciosas e cheia de risadas, que sempre esteve ao meu lado quando algo deu errado.

Aos meus tios Janete e Markus Bruengger, que basicamente foram aqueles que iniciaram essa ideia de “China” em minha vida. À minha avó paterna Jurair Sant'ana Ribeiro Mello, que sempre foi uma vó querida e se preocupou bastante comigo. Ao meu avô Hotir Ribeiro Mello, que foi como um pai para mim e deixou um enorme vazio em meu coração quando partiu. No mais, agradeço a todos da minha família, que de certa forma, sempre acabaram contribuindo da melhor maneira possível.

A todos meus professores, que sempre me ensinaram alguma coisa, seja algo acadêmico ou algo que fosse da “vida”, mas em especial, meu orientador Hermes, que não só me aceitou como orientanda, mas como também acreditou e deu incentivo para que não desistisse e me ajudou quando precisei.

Agradeço a todos os meus amigos e entes queridos, sejam eles de longa data ou não, por influenciarem de forma direta ou não nesse trabalho, por todo carinho, amizade, compreensão e “zoeiras”, sempre tentando me manter feliz e graças a Deus sempre conseguiram.

Amo vocês.

Obrigada!

“The farther backward you can look, the further forward you'll see”.

*Winston Churchill*

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo mostrar os fatores determinantes que foram essenciais para que a China obtivesse êxito em seu crescimento econômico, tendo como foco o início de seu desenvolvimento moderno até os dias atuais, fazendo uma breve análise do desenvolvimento de outros países asiáticos como o Japão e a Coreia do Sul. Através da leitura deste, perceberá se a China continuará com esse crescimento e quais serão os problemas que ela deverá enfrentar devido ao seu crescimento. No texto, a ideia central é de que a China conseguiu e irá manter esse desenvolvimento econômico.

**Palavras-chaves:** China, desenvolvimento econômico, crescimento econômico, ascensão chinesa.

## **ABSTRACT**

This study aims to show the determining factors that have been essential for China's economic growth. It will focus on its initial modern development up until today's situation, as well as showing a brief analysis of the development of other Asian countries such as Japan and South Korea. Upon the examination of these events, it will become clear whether China will continue to grow and which issues it may come across due to such growth. This text highlights the idea that China has managed to maintain its economic development and will continue to do so.

**Key words:** China, economic development, economic growth, peaceful rise.

**SUMÁRIO**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1- INTRODUÇÃO</b>   | <b>10</b> |
| <b>2- Justificativa</b>  | <b>12</b> |
| <b>3- Metodologia</b>  | <b>14</b> |
| <b>4- TRANSIÇÃO DA CHINA ARCAICA PARA A MODERNA: DÉCADA DE 70-80</b> | <b>15</b> |
| <b>5- O CRESCIMENTO ECONÔMICO ASIÁTICO NOS ANOS 90</b>               | <b>22</b> |
| <b>5.1- O Japão</b>  | <b>23</b> |
| <b>5.1.1- Similaridades entre Japão e China</b>                      | <b>28</b> |
| <b>5.2- A Coreia do Sul</b>  | <b>30</b> |
| <b>5.2.1- Similaridades entre a Coreia do Sul e China</b>            | <b>35</b> |
| <b>6- A CHINA COMO SUPERPOTÊNCIA</b>                                 | <b>36</b> |
| <b>6.1- Os gastos militares x Ascensão pacífica</b>                  | <b>39</b> |
| <b>6.2- A atuação da China dentro dos BRICS</b>                      | <b>41</b> |
| <b>6.3- O desenvolvimento sustentável da China nos dias atuais</b>   | <b>43</b> |
| <b>7- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                       | <b>45</b> |
| <b>8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>                                 | <b>48</b> |

## 1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca entender como a China, através de seu crescimento econômico, vem afirmando seu espaço no cenário internacional e na agenda internacional, uma vez que este assunto é de suma importância para o curso de Relações Internacionais.

Mesmo com sua entrada relativamente tardia na economia de mercado, a China vem se adequando ao mundo globalizado e evoluindo, principalmente no setor econômico. O profundo e eficaz crescimento e desenvolvimento econômico dos últimos anos produzem empregos, gera renda e auxilia crescimento das empresas chinesas. Isso se dá devido aos estímulos governamentais e dos investimentos em tecnologia.

Oliveira (2005), fala em seu texto que ela é um fenômeno atípico nas Relações Internacionais justamente pela demora em iniciar mudanças e reformas econômicas que a transformaram em uma das principais economias nos dias atuais, pois passou a ser principal foco de investimento internacional. Também teve que fazer reformas na parte política, militar e cultural se adaptar ao devido patamar que está ocupando nos dias de hoje. Também já é considerada como um dos mais importantes atores globais.

Com a entrada de Deng Xiaoping no poder, em 1978, a China pôde passar de atrasada para à superpotência econômica que é nos dias de hoje. Deng Xiaoping determinou que o país deveria passar por reformas, tanto no âmbito administrativo quanto no econômico, e assim conseguir superar as demais condições de pobreza e subdesenvolvimento, centralizando-se na competência dos chineses. Também fez uso da vantagem comparativa para atingir suas ambições. Uma vez que o país possui a maior massa populacional do mundo, podemos dizer que também detém o maior poder de compra, mesmo que o PIB per capita esteja no patamar das principais economias mundiais, e isso se dá pela massa populacional e pelos baixos salários que são pagos aos chineses.

Oliveira (2005) ainda nota que a China deseja assumir um papel de potência internacional e essa futura ordem internacional irá poder recair nos valores chineses ou asiáticos. A China quer tentar manter sua estabilidade econômica e financeira internacional e também a segurança internacional e para que isso seja realizado com sucesso, sua política externa é voltada para o poder regional e o poder internacional para buscar a sua autonomia nacional e internacional.

O trabalho será dividido em três partes. Na primeira parte serão abordadas as reformas adotadas por políticos que estiveram no poder durante as décadas de 1970 e 1980, e na análise de fatos importantes que condicionaram esse evento. Já a segunda parte, tratará o crescimento econômico asiático nos anos de 1990, pois eles foram importantes para ajudar a alavancar e compreender a questão chinesa. E por fim, será a China como superpotência nos anos 2000 até os dias de hoje.

## 2- Justificativa:

A escolha do tema para o trabalho de conclusão de curso é de suma importância para o campo de pesquisa de Relações Internacionais, pois vem cada vez mais ganhando força e notoriedade, uma vez que seu crescimento e crescimento econômico foram tardios e em menos de meio século, vem participando cada vez mais da esfera internacional com o seu profundo crescimento econômico.

Considerando que esse tema é de grande importância para as Relações Internacionais, o trabalho proposto poderá contribuir para diversas vertentes do meio acadêmico. O estudo contribuirá teórica e cientificamente, pois a pesquisa trará informações relevantes que poderão influenciar e inspirar outros estudos na área. Os temas abordados são muito recorrentes e geram diversas discussões, além de possibilitar ao leitor o aprofundamento sobre o tema.

Por mais que a mídia tenha ajudado a propagar o assunto no cenário internacional, muitas pessoas não têm o devido conhecimento sobre este e não imaginam como que a China conseguiu sair de um país atrasado para um grande e importante ator global.

O trabalho poderá incentivar jovens a escolherem pelo curso de Relações Internacionais, na hora que tiverem que decidir qual curso estudarem, pois mostrará que um internacionalista também é capaz de fazer levantamento histórico sobre um determinado lugar e o tornar campo de estudo.

Também, devemos levar em consideração que a China se mostra gigante e com capacidade de ser considerada uma potência há bastante tempo, Mauricio Lyrio confirma isso através de:

“Além de ter sido a maior economia do mundo ao longo da maior parte da história dos últimos três mil anos, a China detinha, até o século XV, a maior renda per capita do mundo e a liderança em termos de inovação tecnológica.” (2010, p. 17)

Outra razão para a autora deste trabalho ter escolhido o tema foi que ela morou um ano em Shanghai, a maior cidade da Republica Popular da China e uma das maiores áreas metropolitanas do mundo, se encantou pelas cidades que visitou, pela cultura, pela forma que os chineses a receberam em seu país. Portanto, a

autora poderá dar continuidade desse trabalho em outros âmbitos que desejar estudar ou trabalhar.

### **3- METODOLOGIA**

O presente tema, crescimento econômico chinês, vem sendo muito discutido ultimamente, o que facilita na hora de elaborar e colocar as ideias que estão inseridas no anteprojeto. Será feito um levantamento sobre a bibliografia relacionada aos itens que estão presentes no texto, para poder chegar à problemática.

Há uma série de autores que abordam o assunto, o que facilita a compreensão do tema e facilita também na hora de redigir, pois será possível ter diversas interpretações sobre o mesmo assunto. Para selecionar um autor, deverá ser analisado o que mais se aproximar da temática e contribuir para este anteprojeto.

Os métodos que serão utilizados nesta pesquisa serão materiais bibliográficos, documentais e artigos, podendo ser tanto de literatura nacional quanto internacional desde que mantenham relação com o assunto e possam contribuir.

Após o levantamento da bibliografia e o fichamento dela, deverão ser redigidos os itens que compõe o anteprojeto. Para que isso seja possível, será necessário fazer um grande levantamento de literatura e essa análise documental será nossa fonte primária. Existem diversos autores especializados no assunto abordado e a compreensão e interpretação dos textos escritos por esses autores é essencial. Além disso, os dados que serão utilizados nesse trabalho são fundamentalmente materiais bibliográficos e estudos pré-existentes, ou seja, fontes secundárias encontradas em documentos, livros, revistas, periódicos, monografias, dissertações e material em meio eletrônico.

#### **4- TRANSIÇÃO DA CHINA ARCAICA PARA A MODERNA: AS DÉCADAS DE 1970-80**

Para entendimento desde capítulo, devemos ter em mente que a China teve em sua longa história, inúmeros momentos em que fora dominante, apesar dos altos e baixos, fora considerada a nação mais avançada do mundo, mas passou por momentos de declínio e estagnação, o que a levou a certo isolamento. (VISENTINI, 2011)

De acordo com Legro (2010), a transição do governo de Mao TseTung para Deng Xiaoping foi de profunda mudança, pois a China passou de revisionista para integracionista, buscando cada vez mais se envolver com o sistema. Quando Mao Tsé-Tung morre, Deng Xiaoping assume a presidência da China e dá início ao amplo programa de reformas econômicas, sendo a principal delas a abertura do mercado chinês para o sistema internacional.

Segundo Dias (2004), apud Yucing (2013), o governo de Mao Tse Tung que durou de 1947 até o ano de 1976, teve como característica principal o isolamento chinês perante o ocidente, seja esse no comércio ou nas relações políticas; grande parte da população era pobre e vivia no campo, o governo era centralizado e controlava toda e quaisquer atividades econômicas ali existente; ou seja, eles faziam controle estatal dos meios de produção e optaram por ter planos quinquenais, a partir de duas etapas, sendo a primeira que dava prioridade ao campo, através de uma reforma agrária drástica e da formação de cooperativas camponesas. Nessa fase, ele acabou com os privilégios feudais. Já na segunda etapa, tinha como objetivo constituir e organizar as bases para poder estabelecer um vasto e diversificado parque industrial.

Durante essa época, Mao investiu bastante nas indústrias de base, infraestrutura e defesa do país, seu objetivo era manter o controle de todas as atividades que ocorriam no território chinês. Esse modelo adotado político e econômico adotado por Mao teve problemas, pois além de ser rígida demais, fez com que o país continuasse a ter baixa produtividade não aumentou a competitividade dele no mercado externo. A seca, as inundações, a falta de alimentos, a falta de matéria-prima, a falta de experiência, transporte ferroviário falho

e a transferência da mão de obra para o setor industrial fizeram com que o plano falhasse e Mao fosse afastado do cargo.

Um marco importante no final do governo de Mao foi a substituição de Taiwan pela República Popular da China como membro permanente do Conselho de Segurança da Onu, que dá direito a veto, em 23 de novembro de 1971.

A China, através de Deng Xiaoping, conseguiu realizar um salto entre o declínio para uma das nações mais poderosas do mundo em menos de trinta anos. Isso foi possível não só pela reforma política adotada na época, mas como também, pela mudança no sistema mundial ocasionada pelas guerras e tensões que ocorreram no século XX. Com isso, a China voltou a exercer sua soberania e por fim, de fato conquistar seu devido espaço na sociedade internacional.

Segundo Oliveira (2005), apud Yucing (2013), quando Deng Xiaoping chega ao poder em 1978, ocorreram mudanças necessárias e foram adotados outros padrões de desenvolvimento para que a China pudesse crescer, desenvolver-se e atingir os níveis que tem nos dias de hoje.

Segundo Marc Lanteigne, apud Ikenberry:

O que diferencia a China de outros Estados, especialmente de potências globais anteriores, é que não só ela está crescendo em um ambiente de instituições internacionais mais desenvolvidas do que no passado, mas, sobretudo, o faz enquanto usa estas ativamente para promover o desenvolvimento do país em uma potência global (2010, p. 73)

A descentralização do poder foi algo muito importante para o desenvolvimento, pois na época em que Mao TseTung governava a China, a administração de cada cidade era controlada pela capital chinesa Pequim, e depois quando Deng entrou, a administração tornou-se pública, onde a administração de cada cidade passou a ter controle sobre si. Nota-se também que Deng deu mais prioridade ao sul da China do que ao norte, como era no governo anterior.

Outra diminuição que Deng fez ao assumir foi reduzir paulatinamente a participação do Estado no setor industrial de maneira geral. Houve inúmeras privatizações e concessões, para que não só sobrecarregasse, mas como também o

Estado conseguisse controlar e fiscalizar de maneira mais eficiente as empresas importantes para o crescimento da economia chinesa.

Houve também uma reforma no Partido Comunista Chinês, abstraindo um pouco a influência que Mao tinha e passando a ter um novo tipo de relação com o ocidente, dando prioridade a absorção de tecnologia e investimentos no país. Implantou também a ideia de “Um país, dois sistemas” após a reunificação de Hong Kong e Macau, ainda que houvesse a prática do socialismo na China continental, desenvolvessem o capitalismo sob um alto nível de autonomia. (SULEIMAN, 2008)

No governo de Deng, foi adotado o “programa das 4 modernizações” (que atendia as áreas da agricultura, indústria, defesa nacional e ciência e técnica) junto com a construção da modernização socialista, que tinha como interesse modificar completamente a estrutura econômica chinesa para que assim, pudesse reparar os danos do isolamento. Não houve um fator principal que explicasse esse crescimento rápido, mas sim, uma junção de fatores: geográficos, históricos, políticos e econômicos.

Segundo Dias (2004), apud Yucing (2013), os objetivos desse programa eram simples, criar uma economia de mercado que tivesse características socialistas, onde se pretendia ter lucro alto e maximizá-la sem deixar que o governo perdesse o controle sobre os meios de produção e também, obter um alto crescimento econômico através do investimento direto estrangeiro e da assistência técnica.

Em um primeiro momento, o governo resolveu investir na agricultura, mais especificamente nas zonas rurais. Sua intenção era colocar fim as comunas agrícolas através de medidas como a liberdade dos agricultores poderem comercializar a o excedente e poder ficar com o lucro obtido. Assim, foi implantada uma liberalização da economia rural na China. De acordo com Serra (1997), não demorou muito para que essa transformação desse resultado positivo, pois a produção agrícola cresceu de 2,7% para 7,6%.

No início da década de 1980, a principal reforma que foi feita foi a das relações econômicas externas. O governo resolveu liberalizar acesso as empresas estrangeiras ao mercado nacional, modernizando e trazendo novas tecnologias para

dentro do país. De acordo com Serra (1997): “liberaliza também o investimento direto estrangeiro e se reforma o regime de comércio internacional, se regulamenta a associação entre empresas chinesas e empresas estrangeiras (joint ventures)”.

De acordo com Suleiman:

“A mão de obra era excedente no setor agrícola e a abolição do sistema de comunas eliminou todas as restrições que enfrentavam a movimentação da força de trabalho dos setores agrícolas para os não-agrícolas. Ou seja, isso resultou em maior disponibilidade de força de trabalho para as empresas privadas e a tecnologia era comercializada gradualmente, o que facilitou um maior acesso ao mercado tecnológico para estas empresas.” (2008, p.21)

Concomitantemente a esse processo, foram criada as Zonas Econômicas Especiais (ZEE), que eram cidades planejadas e estrategicamente situadas em zonas próximas a região costeira ou e a rios, e também próxima de outros países que também eram desenvolvidas. Tinha como objetivo central: “atrair investimentos estrangeiros, desenvolver a produção tecnológica do país e absorver as inovações tecnológicas desenvolvidas nos países mais avançados.”<sup>1</sup> As cinco primeiras ZEE foram: Shenzhen, Zhuhai, Shantou, Xiamen e Hainan.

As empresas estrangeiras viram nessa atitude da China inúmeras vantagens, pois os rendimentos eram livres de impostos, as cidades ofereciam uma excelente infraestrutura, por causa da estrutura socialista e da falta de investimentos em educação, saúde, habitação, alimentação e transporte público. Como a maior parte da população morava em regiões campestres, ou seja, a mão de obra não era qualificada, isso acabava por deixa-las extremamente baratas. Também por ter um volume muito grande. Por último, as empresas tinham o livre arbítrio para mandar os lucros para o exterior.

Quatro anos após a implantação das ZEE, ocorreu a segunda fase desse processo, onde foi determinado que fosse aprofundado e estendido o grau de autonomia das empresas públicas, que acabaria por liberalizar ainda mais o

---

<sup>1</sup>Disponível em: <http://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/09/07/china-o-impacto-das-reformas-economicas-chinesas-dentro-e-fora-do-pais/>

comércio externo e atrair os investimentos estrangeiros. Assim, o país conseguiria exportar cada vez mais para o mercado internacional. As outras ZEE que foram implantadas nesse esquema eram: Dalian, Qinhuangdao, Tianjin, Yantai, Qingdao, Lianyungang, Nantong, Shanghai, Ningbo, Fuzhou, Guangzhou e Zhanjiang.<sup>2</sup>

Serra complementa dizendo que:

“No quadro da crescente liberalização das relações económicas externas é introduzida em 1986 o mercado oficial de moeda estrangeira e são anunciados (Outubro desse ano) novos incentivos à constituição de joint ventures com capitalistas estrangeiros.” (1997, p.4)

É importante dizer também que a antiga infraestrutura e as indústrias de base, construídas e desenvolvidas por Mao foram importantes nesta etapa, mesmo que elas não fossem modernas o suficiente, pois não seria necessário criá-las, apenas investir em melhoramentos.

Essas novas mudanças nas estratégias econômicas e políticas adotadas por Deng dava início ao desenvolvimento de uma China voltada para o mercado internacional. Fica claro que nesse momento, a ideia de “desenvolvimento para dentro”, utilizada por Mao, chegava ao fim.

Como as reformas feitas trouxeram bons frutos para a economia chinesa, o governo manteve e tentou aprimorar essas reformas para que assim, pudesse realizar e adotar outras novas. Antes de colocar essas novas reformas, o governo as testava em determinadas regiões e se tivesse sucesso, eles a expandiam para outras áreas, assim, não criaria um dano muito grande para o país. Essa política de Deng ficou conhecida como “cruzar o rio sentindo as pedras sob os pés”.<sup>3</sup>

Outra medida utilizada para garantir o crescimento foi manter e aumentar as ZEE's, incorporando cada vez mais o capital e a tecnologia estrangeira e também o comércio exterior. Também houve uma redução das tarifas, para que assim pudesse deixar mais flexível o manejo das importações e exportações.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://geografiaetal.blogspot.com.br/2012/09/as-zonas-economicas-especiais-zees-e.html>

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www.frbatlanta.org/pubs/econsouth/05q2-portugues\\_o\\_crescimento\\_economico\\_da\\_china.cfm](http://www.frbatlanta.org/pubs/econsouth/05q2-portugues_o_crescimento_economico_da_china.cfm)

Com as ZEE e as novas medidas tomadas por Deng, foi possível notar que a China passou de importadora para exportadora. Em um primeiro momento, foi investido na produção têxtil, depois, passou para produtos manufaturados de baixo valor agregado e eletrônicos.

É importante dizer também que a China pode reafirmar sua importância no cenário regional, pois além de se tornar uma grande produtora, ficou mais industrializada, fazendo com que a exportação se tornasse uma prioridade e ganhasse mais destaque. Passou a importar mais dos países asiáticos e exportar mais para os países do ocidente.

De acordo com Chriszt (2003,p.2) “Na década de 80, a média desses investimentos no país era de menos de US\$ 5 bilhões por ano, enquanto durante a década de 90 esse número aumentou para quase US\$ 30 bilhões.”<sup>4</sup>

A China conseguiu chamar a atenção do mundo com a sua inserção nele não apenas por ter alavancado seu crescimento em menos de vinte anos e os efeitos econômicos que provocou no cenário internacional, mas também pelo seu peso econômico, a grande população e o seu vasto território. Ela pode estender a sua participação em outros tipos de mercado, facilitando assim, a cooperação econômica entre os países para ampliar as suas exportações. Melhorou também a relação entre os países exportadores com o próprio país por ter oportunizado uma maior renda para eles, por ter aberto o maior mercado consumidor mundial aos estrangeiros, incentivos fiscais e fornecimento de locais para instalação de empresas estrangeiras.

De acordo com Dias (2004), apud Yucing (2013), a grande economia da China alavancada pelas reformas fez com que ela ganhasse uma maior notoriedade internacional por causa do seu mercado interno. Com uma população de mais de um bilhão de habitantes, isso chamava cada vez mais a atenção do mundo por causa da sua produção e consumo. As reformas puderam impulsionar o crescimento do seu PIB, colocando o país como 2ª maior economia mundial e também o aumento de renda de determinada parte da população.

---

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.frbatlanta.org/pubs/econsouth/05q2-portugues\\_o\\_crescimento\\_economico\\_da\\_china.cfm](http://www.frbatlanta.org/pubs/econsouth/05q2-portugues_o_crescimento_economico_da_china.cfm)

Apesar de a China ter tido um grande desenvolvimento com as reformas econômicas adotadas por Deng, elas não trouxeram muitos benefícios para a maior parte da população chinesa, pois apenas uma pequena parte da população chinesa enriqueceu, criando assim, uma lacuna social muito grande.

De acordo com Morena (2013), apud Yucing (2013), o Centro de Estudos da Universidade de Pequim realizou um estudo e apontou que os 5% mais ricos do país possuem 23% da riqueza nacional e os 0,5% mais pobres possuem apenas 0,1% de toda a renda. Apesar dessa grande desigualdade social, a situação estava melhor do que na época de Mao. Segundo Suleiman:

“Em 1978, 17,9% da população era considerada urbana, e esse número passou para 26,4% em 1990. Entre 1979 e 2002, o crescimento econômico retirou 400 milhões da pobreza e o índice de pobreza caiu de 49% para 6,9% da população total.” (2008, p.22)

Como nos lembra Rozales (2011), apud Yucing (2013), outra questão é sobre as condições de trabalho que são desumanas, tanto nas empresas estrangeiras quanto nas nacionais. Geralmente os chineses trabalham por muitas horas, não tem descanso semanal, os salários são extremamente baixíssimos e o gerenciamento deles é bastante rígido, para que não atrapalhe a produção e não gere qualquer prejuízo para a empresa.

Outra consequência foi o aumento nas emissões de gases que são responsáveis pelo efeito estufa, não houve uma preocupação do governo em reciclar e evitar a poluição do meio ambiente. O aumento do preço das commodities no mundo. Houve uma transferência do campo para cidade muito rápida, e isso fez com que não fossem absorvidas pelo emprego formal, criando inúmeros empregos informais.

Mesmo que em menos de 30 anos a China tenha conseguido se desenvolver e atingir o patamar de uma das nações mais desenvolvidas do mundo, seu projeto de desenvolvimento não é bem visto, pois não é considerado “limpo”. A China cresceu num curto espaço de tempo e o governo não se preocupou com o meio ambiente. Mais uma vez Suleiman (2008), nos mostra que de acordo com dados do Ministério da Saúde chinês, 44% de toda a água potável fora das áreas urbanas foram contaminadas.

## 5- O CRESCIMENTO ECONÔMICO ASIÁTICO NOS ANOS 90

Neste capítulo, será abordado o crescimento econômico do Japão e Coréia do Sul e no final de cada parte, será feito uma comparação de cada país com a China. A temática é importante, pois chamou atenção do sistema mundial na época para redefinir a nova ordem mundial. Muitos países asiáticos aproveitaram a onda do crescimento econômico e também resolveram desenvolver-se mais, integrando cada vez mais a Ásia a fim de buscar novos arranjos tecnológicos e firmar suas economias.

Os Tigres Asiáticos<sup>5</sup> juntamente com a China, na segunda metade do século XX, emergiram com força e poder no cenário mundial, motivando uma mudança tanto na globalização quanto no reordenamento da época. Com essa ascensão, o ocidente começou a ter uma maior preocupação com o tamanho desenvolvimento em curto prazo destes. Ainda na segunda metade deste século, Nonnenberg (2010) mostra que foi possível notar um aumento da participação de países asiáticos na economia mundial, foi de 10% para quase 20%.

Em um primeiro momento, os países asiáticos deixaram de lado a importação de produtos de bens não duráveis para começar a exportá-los. O mesmo foi feito com os bens duráveis uma década depois da primeira mudança. É importante destacar que o custo baixo da mão de obra e a grande produtividade sempre foi um aliado para esses países.

O Japão e a Coréia do Sul tiveram muitos frutos positivos de suas mudanças nesse século. O primeiro transformou-se em uma superpotência financeira e detentora de tecnologia, é o país que melhor detém as tecnologias de microeletrônica, robótica e telecomunicações do mundo. Já o segundo, é considerado o maior “tigre asiático”, pois progrediu e intensificou a sua exportação de produtos manufaturados para países periféricos e conseguiu ingressar na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Apesar de que este não é o foco do trabalho, é preciso esclarecer que boa parte desse

---

<sup>5</sup> Os Tigres asiáticos são compostos por: Singapura, Taiwan, Coréia do Sul e Hong Kong.

desenvolvimento se deu com ajuda estadunidense, seja na reestruturação do país, como no caso do Japão ou na abertura de seu mercado para a Ásia.

### 5.1 - O Japão

O desenvolvimento econômico japonês é conhecido como industrialização tardia e uma das mais importantes, pois em pouco tempo conseguiu transformar o país em uma grande potência capaz de exercer poder não só em sua região, mas como no mundo todo e até os dias atuais.

O Japão viveu duas épocas de grande crescimento econômico. A primeira foi durante a Primeira Guerra Mundial e a segunda, foi após a Segunda Guerra Mundial. Com o término da última, o Japão saiu devastado, tanto pelo final da guerra como por causa das duas bombas atômicas que foram lançadas em seu território pelos americanos. Os militares americanos começaram a ocupar o país e isso seria uma grande mudança na política japonesa, pois inicialmente, a intenção americana era punir severa e permanentemente para que assim, ela não voltasse a ser uma potência asiática. A intenção também era impedir o militarismo na região e tentar democratizá-lo.

A situação japonesa mudou quando se iniciou a Guerra Fria, pois os Estados Unidos fizeram do Japão um aliado estratégico que o ajudaria a impedir o comunismo na região. Basicamente, essa seria uma das principais razões para os Estados Unidos ajudarem o Japão a se reerguer, e então iniciaram as estratégias para impulsionar a recuperação econômica e a liderança política local, assim, o país estando bem estruturado e integrado conseguiria adentrar no cenário internacional e exercer influência na Ásia a favor dos Estados Unidos. Outro motivo que ajudou o Japão a se reerguer foi através do governo japonês e de seu intervencionismo.

Logo nos primeiros anos da ocupação americana no Japão, ele se desenvolveu bastante e voltou a sua economia para o mercado externo. Eles reivindicaram que a economia japonesa fosse estabilizada e controlada, para assim, conseguiriam parar a inflação e o déficit comercial que o país sofresse. Essa vontade americana não foi muito bem aceita pelos japoneses então, foi aplicado um programa que tinha como base o orçamento fiscal superavitário e foi-se estabelecida paridade fixa entre as moedas japonesa e americana que seria monopolizada pelo

Japão. Isso fez com que a inflação fosse mantida e em curto espaço de tempo, contida.

O Japão também reestruturou e modernizou a sua indústria, mudando de têxtil para insumos básicos, equipamentos e bens duráveis, pois assim, conseguiria competir no mercado mundial da época. É importante dizer que nessa época as importações e entrada de capital externo eram administradas pelo governo japonês.

Logo no início da década de 1960, o então primeiro ministro japonês Ikeda, apresentou e colocou em prática o “Plano de Ikeda”, que consistia em dobrar a renda japonesa num prazo de dez anos. Para que isso acontecesse, seria investido nas áreas de educação, infraestrutura, exportação e também mudanças nas indústrias.

Outra situação que ajudou o Japão a desenvolver foi a permissão para os Zaibatsu se transformarem em grandes conglomerados, sendo estas empresas industriais, comerciais e financeiras. Assim, com essa reconstrução na economia japonesa, formou-se os Keiretsu, que eram grupos responsáveis por network e relações estáveis entre as empresas, fornecedores e distribuidores, aptos a articularem estratégias globais de concorrência sem diminuir a autonomia deles e o poder de decisão dos membros. Os Keiretsu tiveram papel determinante não só no desenvolvimento do Japão, mas como também nos conglomerados e nos bancos, para que estes pudessem conservar o desenvolvimento do país (TORRES FILHO, 1999). Como exemplo, temos as empresas Mitsubishi, Mitsui, Sumitomo, Fuyo, Sanwa e DKB, que são conhecidos como os “seis grandes”.<sup>6</sup>

O resultado já era o esperado, o Japão viveu um processo de liderança no cenário mundial. Seu desenvolvimento e sua participação na economia mundial só cresciam e ele investia cada vez mais nos setores eletroeletrônicos, automobilístico e bens de capital para poder continuar exportando de maneira satisfatória para sua economia. Seu crescimento econômico era notável, pois era superior as demais economias. De acordo com Canuto (1999, p. 1), “durante o período fenomenal de crescimento a taxas anuais próximas de 10%, em 1953-73, a regulamentação

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.bugei.com.br/artigos/index.asp?show=artigo&id=16>

financeira foi parte essencial da estratégia de *catching up* da economia japonesa (...)."

A década de 1980 seria aquela que mudaria a realidade japonesa, pois, em um primeiro momento, o iene foi supervalorizado em relação ao dólar, isso fez com que tivesse uma redução no crescimento da economia, no lucro e na competitividade daqueles que exportavam.

Citado por Freitas (1999, p. 241), escrito por Torres Filho:

“a valorização do iene não foi capaz de corrigir desequilíbrios nas contas externas; entretanto, produziu impactos profundos na economia interna do Japão. Tendo acumulado muitos dólares em pouco tempo, as autoridades temiam uma valorização ainda maior da taxa de câmbio. Com o intuito de evitar essa valorização (e para atender pressões de seus parceiros comerciais), o Japão decidiu intensificar a globalização de sua economia. Nesse ínterim, eliminaram-se, gradativamente, os controles sobre os movimentos de capital.”

Essa valorização do iene acabou atrapalhando de fato a economia, como já citado acima, pois fez com que o preço dos produtos japoneses ficassem bem mais altos diante do mercado mundial.

Logo depois, a liberalização financeira que acontecia no Japão nessa época gerou duas consequências, sendo a primeira, uma rapidez na reciclagem de divisas e enfraqueceu os relacionamentos dentro dos keiretsu. O que houve aí foi que as grandes empresas desviaram parte do crédito que antes, era fornecido pelos grandes bancos. Já estes, como perderam uma clientela importante, passaram a atender as pequenas e médias empresas e o setor imobiliário também, mesmo que isso fosse considerado um risco.

Para se ter uma idéia, Torres Filho (1999) fala que através do boom das bolsas japonesas, o valor imobiliário de todo o território japonês era o suficiente para comprar quatro vezes os Estados Unidos. Ele tornou-se o maior e principal credor líquido do mundo.

Com a liberalização econômica, valorização do iene, as autoridades deixaram com que as empresas japonesas se propusessem no jogo especulativo, para tentar

contrabalancear as perdas que aconteceram por causa da valorização da moeda. Através de toda essa situação, a “bolha” especulativa estava criada. Por mais que o setor imobiliário e a bolsa de valores não indicassem qualquer declínio, o Ministério das Finanças, em 1990, obrigou que os bancos moderassem um pouco do crédito dado aos imóveis e assim, a bolha especulativa finalmente se rompeu.

Em primeiro lugar, as bolsas de valores sofreram uma queda catastrófica. Torres Filho (1999) demonstra em seu texto a tamanha desvalorização e choque ocorrida nos primeiros meses após o rompimento. Ele fala sobre o índice Nikkei, que é o principal índice econômico da Bolsa de Valores de Tóquio composta por 225 empresas, em abril de 90 atingia a marca de 38.915 pontos e em outubro do mesmo ano, caiu para 20.221 pontos. Outro ponto que ele demonstra é que em menos de um ano após o início da “crise”, as empresas japonesas perderam 50% de seus valores totais.

Apesar da bolsa de valores ter sofrido com a bolha, o setor imobiliário não sentiu redução, ao menos no primeiro ano, mas mesmo assim, ela foi decaindo conforme os anos foram passando e não de uma só vez como no caso da bolsa. Já o mercado de ativos, fora atingido de forma negativa e isso refletiu na economia, fazendo com que o país entrasse na pior crise do século XX.

Torres Filho (1999) faz uma comparação entre a década de 1980 e a de 1990, onde a primeira, a economia crescia em torno dos 4% e a segunda, crescia em torno de 1,5% e a tendência era só decair até o final da década. O motivo para a desaceleração no crescimento econômico foi devido aos problemas bancários, crescimento do déficit fiscal e também da dívida pública, problemas para tentar reparar e atingir os mesmos níveis dos preços dos ativos e problemas com a keiretsu. Houve também na economia japonesa um aumento do superávit externo, seja ele comercial ou conta corrente. Outro problema enfrentado pela economia japonesa foi a redução no emprego juntamente com os rendimentos diretos e indiretos do trabalho.

A situação a qual o Japão se encontrava de fato não era boa, mas um problema maior também foi resultante da bolha e poderia colocar em ameaça o sistema internacional. Torres Filho (1999, p.245) mostra que:

“Como resultado da desvalorização dos imóveis e das ações, as empresas que estavam em posições especulativas sofreram elevados prejuízos patrimoniais. As garantias dadas aos empréstimos bancários perderam valor de mercado, gerando um volume crescente de créditos insolventes. Os bancos começaram, então, a ser negativamente afetados pela crise financeira, assim como as grandes *securities companies*, muitas das quais haviam, como era de praxe, dado aos seus clientes garantia firme contra perdas frente a eventuais prejuízos.”

De acordo com dados do Ministério das Finanças, os créditos improdutivos ou sujeitos a reestruturação chegavam a quase 400 bilhões de dólares cinco anos após o estouro da bolha, porém, anos mais tarde, foi reconhecido que na verdade o valor era de 800 bilhões. (TORRES FILHO, 1999)

De acordo com Canuto (1999, p.9), o que foi feito para tentar ajudar ou amenizar a situação dos bancos foi:

“programas de absorção de empréstimos inadimplentes e de bancos falidos; estabelecimento de bancos-ponte para incorporar cooperativas de crédito falidas; programas de provisão de recursos para writing off de créditos podres etc.”

Outras medidas adotadas para tentar superar a crise foram arriscar relançar a economia japonesa por meio de investimentos públicos e concomitante a isso a taxa de juros sofreria uma queda chegando a valores mínimos, assim, as despesas financeiras das empresas poderiam ser controladas.

As medidas tomadas para tentar controlar a situação da economia e dos bancos estavam tendo um sucesso aparente quando novamente a economia japonesa enfrenta outra valorização (a *endaka*) e isso fez com que o valor dos ativos das empresas japonesas no exterior diminuíssem. Mais uma vez, o governo americano interviu de modo positivo na economia japonesa a fim de ajuda-los a manter o câmbio e sustentar a paridade iene-dólar.

Os grandes centros financeiros JP Morgan e Goldman & Sachs estimavam que no final da década de 1990, o PIB japonês estariam entre 0,7% ou 0,9%, mas que no início do século XXI, poderia chegar a zero ou inferior a isso.

Canuto (1999, p.9) fala que:

“A verdade é que a necessidade de reajustes na estrutura econômica japonesa vai além dos bancos e do peso dos créditos podres em

suas carteiras. O saneamento dos intermediários financeiros japoneses é condição necessária para eliminar as restrições de oferta de crédito e possibilitar o ressurgimento da alavancagem de investimentos, ainda que agora mediante *securities*. Mas o saneamento não será suficiente para a recuperação de investimentos enquanto não houver interesse dos investidores produtivos.”

### 5.1.1 Similaridades e diferenças entre Japão e China

De fato, Japão e China tem muitas coisas semelhantes, a começar pela filosofia, religião, idioma e instituições. Ambos tiveram um crescimento econômico muito forte e rápido no pós-segunda guerra. Desde então, eles são grandes parceiros econômicos até os dias atuais.

Oded Shenkar (2005) fala que na época em que o Japão passava pelo milagre econômico, os Estados Unidos incentivou que esses dois países voltassem a ter relações, em primeiro lugar porque a China era um país comunista e os benefícios para os japoneses foram que eles acabaram se tornando investidores no mercado e nas empresas chinesas, aproveitando a mão de obra farta e conseqüentemente barata e conquistando uma nova bagatela de clientes, uma vez que a China também estava crescendo de maneira rápida.

Com o estouro da bolha especulativa no Japão, isso levou o país a uma estagnação econômica e fez com que a situação que existia entre ele e a China se invertesse. Como citado anteriormente, o Japão que investia na China e no final da década de 90, houve uma mudança e a China passou a investir cada vez mais na economia e empresas japonesas. Fora que também o posto de segunda maior economia antigamente era ocupada pelos japoneses e a terceira pelo chineses, isso também foi invertido e agora a China é a segunda maior economia do mundo.

Ainda em relação ao setor econômico, ambas começaram o seu desenvolvimento praticamente do zero e isso foi um fator diferencial para que ambas alcançassem a posição que tem hoje, pois eles não estavam presos a tecnologias ultrapassadas.

Oded Shenkar (2005) fala em seu livro que tanto Japão quanto a China já foram de certa forma ajudados pela geopolítica, em primeiro lugar, o Japão com o

início da Guerra Fria o que acabou por fazê-lo um aliado dos Estados Unidos na época. Em segundo, a China virou uma grande aliada dos Estados Unidos no combate ao terrorismo após o 11 de setembro que marcou tanto o mundo e povo estadunidense.

Ambas tiraram vantagem de suas moedas artificialmente fracas fazendo com que os dois países conseguissem se firmar e conquistar cada vez mais espaço no cenário mundial a fim de estabelecer mais clientes e aumentarem as suas exportações. Também colocam empecilhos na entrada de produtos estrangeiros para que os seus, tenha uma maior preferência dentro de seus territórios.

Já as diferenças entre os dois é clara, a começar pela vastidão do território chinês em relação ao japonês. Apesar da economia japonesa ser forte e ter credibilidade, o rápido crescimento e as perspectivas deste fazem com que a China tenha muito mais sócios econômicos do que o Japão, mesmo na época do milagre econômico.

Oded Shenkar (2005, p.68) afirma que:

“(...)enquanto o Japão se transformou, no decurso de menos de uma geração, de produtor de baixo custo em produtor de alto custo, (...), a China tem uma vastidão territorial interna com enorme estoque de mão de obra, o que lhe permitirá ascender na escala tecnológica sem sacrificar sua atual vantagem em termos de custo durante muitos anos ainda.”

Ainda em relação ao desenvolvimento econômico, a China tem em seu favor uma comunidade no exterior que realiza uma grande atribuição no seu desenvolvimento e globalização. O Japão nunca teve esse tipo de apoio. A China também sempre contou com investimentos estrangeiros na sua economia enquanto o Japão recusou esse tipo de ajuda temendo que houvesse uma dominação estrangeira em seu país.

E por fim, uma grande diferença no poderio político entre eles é o fato da China ter assento permanente no Conselho de Segurança da ONU e o Japão não, e isso se deve ao fato do Japão ter saído como perdedor na segunda guerra e os Estados Unidos os proibirem de investir tanto no setor militar quando no setor de defesa. A China também se envolve em muito mais questões globais do que o Japão, fazendo com que ela tenha muito mais parceiros comerciais do que o outro.

## 5.2A Coréia do Sul

A Coréia do Sul foi outro exemplo dentro da Ásia de país que conseguiu um desenvolvimento econômico rápido e tardio, mas o que a diferencia é que ela ainda o sustenta fortemente nos dias atuais. Ela faz parte dos Tigres Asiáticos juntamente com Singapura, Hong Kong e Taiwan. Ficaram conhecidos por esse nome por causa do seu rápido e crescente desenvolvimento econômico e pela força que exerciam no cenário internacional.

Mais uma vez, os Estados Unidos através de intervenções ajudaram outro país asiático a se desenvolver, em um primeiro momento, foram implantados dois modelos de desenvolvimento: o Nathan Report e o Three-Year Task Assistant Program, que basicamente eram programas para servir de assistência técnica e financeira para os sul coreanos. Através desses programas, os americanos tinham como intenção diminuir as tensões sociais existentes no país.

Inicialmente, foram feitas reformas agrárias para tentar sanar os conflitos de terras que existiam na época e assim, elas serviriam de base para manter uma distribuição de renda quase que igual para a população, que ajudou a caracterizar e manter o desenvolvimento da Coréia do Sul.

Pouco tempo depois, o governo estava voltado para a instalação de uma estrutura que fosse autossuficiente voltada para o mercado exportador, mas isso não foi algo que eles decidiram e sim meio que imposto para que o modelo adotado pelo governo pudesse dar certo. Ou seja, não foi um projeto idealizado inicialmente.

A Coréia do Sul viu no desenvolvimento econômico japonês uma chance de poder se desenvolver e se inspiraram no modelo adotado pelo Japão. Os sul coreanos se espelharam e conseguiram ter uma taxa de crescimento alta e fizeram também mudanças nos setores industriais para conseguir se desenvolver e exportar o que ali fosse produzido. Vale ressaltar que a economia sofria uma forte intervenção estatal, onde eles guiavam as empresas privadas no caminho que fosse melhor e que trouxesse mais benefícios para o país.

Logo no início da década de 1960, fora implementado o Plano Quinquenal, que tinha como objetivo substituir as importações, fazendo com o que o país não dependesse tanto da tecnologia e produtos externos e passasse a ter um maior controle e se desenvolvesse mais.

Van Tho (1988) citado por Dall'Acqua (1991, p.105) fala que:

Indústrias de insumos básicos, tais como fertilizantes, refino de óleo, fibras sintéticas, cimento e PVC foram instaladas através de joint investment com o capital estrangeiro, que era atraído pela mão de obra barata, isenções fiscais, e por incentivos associados a repartição dos lucros. Industrias de bens de consumo leve, ligadas principalmente à alimentação e vestuário, foram também instaladas através de empréstimos americanos.

O que se vê até agora é que tanto o Japão quando a Coréia do Sul foram beneficiadas pelo intervencionismo americano e pelo desejo deste em fazer com que esses dois países tivessem uma economia mais forte.

Ainda falando sobre as medidas adotadas, podemos dizer que foi um sucesso, fez com que o país crescesse aproximadamente 9% em seus quatro primeiros anos de implementação. Mas é importante salientar que esse crescimento econômico sul coreano estava ligado ao capital estrangeiro, ou seja, eles não só dependiam como de fato precisavam dele para mantê-lo.

O governo percebeu a dependência do capital estrangeiro e na segunda fase do Plano Quinquenal, optaram por redefini-lo, tirando o foco das indústrias de substituição para a exportação de manufaturas leves. Essa atitude do governo foi considerada como adequada àquela situação em que viviam, pois não só tinham em mente os recursos disponíveis no país, mas como também a mão de obra, que era barata e em grande quantidade. Assim, como Dall'Acqua (1991, p.106) cita em sua obra:

“isto significou crescente suporte financeiro do governo às indústrias de exportação e adoção de um sistema de câmbio flexível, que permitiu uma razoável flutuação da taxa de câmbio real. (...) As instituições financeiras privadas desempenharam também um papel central na viabilização do setor exportador, ajudando a mobilizar a poupança externa, mediante a concessão de aval aos empréstimos internacionais.”

Assim, através dessa nova reorientação da exportação, o crescimento econômico do país continuou a crescer e atingiu os índices de aproximadamente 10% ao ano.

Na década de 1970, foi adotado o terceiro Plano Quinquenal, que consistia em desenvolver a indústria de eletrônicos, pesada e petroquímica, assim, o país não ficaria a mercê das matérias primas, máquinas e equipamentos, sendo assim, suas indústrias estariam mais atualizadas e preparadas para um maior desenvolvimento, produzindo muito com tecnologia de ponta. Do início da década de 1970 até a metade dela, as exportações dessas indústrias que aqui foram citadas passaram de 14% para aproximadamente 30%.

Esse desenvolvimento também se deve graças aos chaebols, que são semelhantes aos keiretsu japoneses. Esses chaebols são grandes conglomerados que operavam não só na própria Coreia, mas como no mundo todo também. Como exemplo, podemos citar a Samsung, Hyundai e LG<sup>7</sup>.

No final desta década, as indústrias já estavam consolidadas, porém isso trouxe alguns agravantes, sendo o primeiro o aumento da dívida externa; dependência de petróleo, tanto para suprir as necessidades de suas indústrias petroquímicas como também para abastecimento da população e por fim, aumentou ainda mais as exportações. Ou seja, ela já era considerada uma nação industrializada e sua economia era considerada forte.

Logo no início da década de 1980, pode-se reparar que não só a Coreia do Sul, mas como outras nações em desenvolvimentos passavam por crises econômicas. O choque interno atingiu a estabilidade e ineficácia das indústrias, que estavam ligados aos investimentos massivos e focados das indústrias pesadas e químicas. Já o choque externo atingiu principalmente as taxas de juros, fazendo com que elas se elevassem cada vez mais a dívida externa e também prejudicava as importações e inflação doméstica. Houve também nessa época uma grande seca, que pressionou os coreanos a importarem muito mais alimentos. Como consequência, o crescimento econômico do país foi de 6,5%, sofrendo uma considerável queda.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.investopedia.com/terms/c/chaebol-structure.asp>

O que se foi feito nessa época foi, de acordo com Masiero (2000, p. 11):

“Reorganização das indústrias químicas e pesadas para diminuir o monopólio dos chaebol. Durante este período os grupos coreanos estavam altamente endividados: 83,5% dos recursos dos 10 maiores era financiado por dívidas, enquanto que a média da Coreia era de 65,2%. Os grupos passaram a atuar nas indústrias de alta tecnologia. Início dos investimentos estrangeiros diretos. Reforçar a competitividade da economia coreana. Liberalização das finanças, das importações e do comércio internacional. Democratização do país.”

Foi nessa época que de fato surgiram estratégias de amparo para as pequenas e médias empresas poderem aderir e surgir no mercado sul coreano. Ou seja, houve uma forte globalização na economia, mas como também nas indústrias de valor agregado e de informação. Também podemos dizer que mais uma vez houve a inserção de um plano de desenvolvimento, mas dessa vez o que seria diferente é o fato do Estado perder um pouco de sua autonomia nas empresas.

Já no início da década de 1990, houve um marco histórico e importante para a Coreia do Sul. A ONU considerou que Coreia do Sul e Coreia do Norte eram dois países distintos e pouco tempo depois, foi assinado um tratado de paz entre eles.

Houve também no começo dessa década, novas eleições e o governante Kim Young Sam resolveu lançar programas de anticorrupção e transparência política, onde tudo o que fosse dos políticos e militares poderia ser consultado por toda a nação.

Mais uma vez foi lançado outro Plano para ser inserido. Desta vez, ele foi embaçado na entrada deste como membro na ONU. Outra situação favorável para os coreanos era a de que sua renda per capita havia subido e já alcançava a linha de 7 mil dólares. O plano descrito no início do paragrafo tinha como intenção fazer uma promoção da economia para que ela não só fosse eficaz, mas como também gerasse mais benefícios. Outros motivos para a criação do novo plano foram para modernizar a administração e instaurar um trabalho que fosse considerado sério, correto e ético.

O governo também priorizava a reestruturação da educação e treinamento profissional para a população, tinha vontade também de expandir a infraestrutura e eficácia do país no setor de transportes, priorizava uma administração eficaz,

buscava uma organização nas indústrias, mas também reforçar as pequenas e médias empresas ali existentes. Buscava também aperfeiçoamento no setor agrícola, reestruturação das funções do governo, buscava mais do que nunca expandir a sua abertura econômica a fim de gerar uma cooperação entre as duas coreias.

Pouco tempo depois dessa implementação, o plano foi trocado pelo Novo Plano de Desenvolvimento Social (1993-97). O novo plano almejava tirar de vez o controle do governo sobre a economia e passar parte do poder para a população, buscava também promover reformas nas finanças, administração e no orçamento, pois assim, a Coreia do sul estaria equiparada aos países desenvolvidos. De fato, a grande intenção do governo era reafirmar o crescimento econômico de sua economia, aumentar o marketing internacional e criar condições para melhorar a vida dos sul coreanos.

Outra política adotada por Kim Young Sam foi a do segyehwa, que consistia na globalização coreana, onde os setores sociais, políticos, econômicos e até culturais passariam a exercer competitividade no cenário internacional.

De acordo com Eun Mee Kim, citado por Masiero (2003, p.20) existiam quatro passos para atingir esse segyehwa, sendo eles:

(...) 1) empresas domésticas com orientação para o mercado interno; 2) empresas domésticas com orientação para o mercado internacional; 3) empresas com filiais no exterior; e 4) empresas globais.

Acreditava-se, por parte do governo, que essas medidas seriam capazes de aumentar o poder de competição das empresas sul coreanas no mercado internacional, tendo como base uma economia eficiente, liberalizada e autônoma.

Como prova desse incentivo a manter a economia crescendo, em 1995, 4 dos 30 grandes chaebols sul coreanos mantinham apenas entre eles 10% do PIB total do país. Mesmo a Ásia enfrentando uma certa crise, esses conglomerados ainda dominavam a economia.

Porém, em 1997 uma crise financeira se instalou na Coreia e isso fez com ela retraísse um pouco o seu desenvolvimento, pedindo empréstimo para que assim,

pudesse tentar contornar a situação e manter a sua economia forte e desenvolvida. Até o final da década a Coreia já havia se recuperado da crise e feito com que o seu PIB voltasse a crescer e o país também mantivesse e/ou aumentasse as exportações dos produtos ali feitos.

Podemos dizer que houve uma reestruturação financeira, do trabalho, corporações e repartições no final da década de 1990. O país começou a se empenhar cada vez mais para o desenvolvimento das pequenas e médias empresas.

### **5.2.1 Similaridades entre Coréia do sul e China**

A rápida industrialização da Coréia do sul, migrando do setor agrário para uma potência industrial fez com que a China voltasse os olhos para ela e imitasse de certa forma esse modelo que deu certo.

A China também demonstrou interesse pelos chaebols, servindo de base para os seus conglomerados, pois em sua grande maioria, sempre demonstraram saberem se reestruturar e globalizar. Vale ressaltar que uma diferença entre eles é que a China não implantaria, ao menos nesse momento, o regime de propriedade familiar.

Tanto a China quanto a Coréia do Sul investem muito em educação, dando oportunidades para a população de irem estudar no exterior, podendo frequentar ótimas universidades, aprender novas experiências e quando retornassem ao seu país, não só trouxessem conhecimento teórico como também prático. Porém, o que a China vem tentando desenvolver é a mesma capacidade que os sul coreanos tem de aproveitarem o conhecimento que sua população adquire quando volta do exterior, colocando em prática e nos setores de tecnologia e administração.

## 6- A CHINA COMO SUPERPOTÊNCIA

Neste terceiro e último capítulo, veremos que a China continua mantendo as altas taxas de crescimento, mesmo com a Grande Recessão de 2008 ela continua sendo o gigante chinês e sendo a oficina do mundo (ARRIGHI, 2007)

Seu crescimento prospera há mais de 30 anos e ainda continua sendo uma das maiores produtora de bens manufaturados, colaborando para que ela seja considerada como uma nação de grande poder e que exerce muita influência no cenário internacional. O investimento que está sendo feito desde o início deste século é voltado para a criação e instalação local direcionada ao comércio de países em desenvolvimento.

No final da década de 1990, a Ásia passou por uma forte crise, mas a China, como forma de não sentir a crise, passou a expandir o seu mercado interno para países vizinhos. De acordo com Medeiros (2006, p.394):

“(...)a China decidiu autonomamente expandir os gastos públicos e os investimentos das empresas estatais que, como se buscou argumentar ao longo do texto, permaneceu liderando o ciclo expansivo em que pese a grande presença hoje das empresas estrangeiras nos investimentos e exportações.”

A partir disso, podemos dizer que a China se firmava como um grande país detentor de investimento direto estrangeiro, já possuía grandes reservas internacionais e sua economia fazia com que ela estivesse entre os cinco maiores países comerciais do mundo.

Em 2001, com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio, foi firmado e solidificado a abertura desta para o mundo, mas antes que isso fosse possível, foram longos anos de árduas negociações e prévia de acordos sobre como seria feita essa abertura entre as economias dos Estados Unidos e a União Europeia, ou seja, foi colocado um ponto final no isolamento chinês fazendo com que ela fosse considerada um grande parceiro global, apesar de suas peculiaridades. A “globalização da economia” chinesa faz com que ela tenha mais notoriedade no cenário internacional. (SUKUP, 2002).

Com a entrada na OMC, a China abriu seu mercado para importações, começou a permitir entrar capital estrangeiro nos setores de telecomunicações e bancos e por último, ampliou ainda mais o mercado para os produtos produzidos em seu país no mundo.

Nonnenberg (2010, p.205) diz em seu artigo que:

“políticas de incentivo à inovação e à transferência e geração de ciência e tecnologia estiveram intimamente ligadas aos incentivos a investidores estrangeiros. Durante vários anos, a permissão ou o incentivo a empresas estrangeiras esteve condicionado a compromissos no sentido de realização de transferência de tecnologia ou de abertura de centros de Pesquisa e desenvolvimento no país. Após o ingresso na Organização Mundial do Comércio, esses compromissos deixaram de ser legais. O agrupamento das indústrias, com *spillovers*, especialmente das mais intensivas em conhecimento, teve papel relevante no desenvolvimento tecnológico chinês e na alteração da pauta de exportações.”

De acordo com Troyjo (2011), o desenvolvimento e a inovação chinesa estão em constante crescimento. Seu PIB foi de 0,8% para 1,4% nove anos depois fazendo com que a China se torne pioneira em alguns setores, como por exemplo, o de energia solar.

O relacionamento chinês para com os seus demais vizinhos tem aumentado e solidificado cada vez mais fazendo com que haja uma maior multipolaridade e desenvolvimento das relações das grandes potências. Ela vem se firmando como um grande pólo e está se aperfeiçoando tanto nas questões domésticas quanto nas internacionais. É provável que a China, através de sua política externa, se ajuste ao cenário internacional apenas quando necessário, para que assim, continue tendo êxito no crescimento e desenvolvimento econômico de seu país sem alterar de modo radical a política imposta por Deng XiaoPing.

É importante salientar que a China vem buscando desenvolvimento mútuo e está aproveitando e pegando para si as vantagens que cada país tem nos setores de produção.

Outra situação que se deve destacar no quando se fala de China é o aumento da importação de petróleo, seja para combustíveis ou minerais. Esse aumento/dependência se deu por causa do grande déficit de fontes energéticas. Durante o período de 91 a 06, a produção de energia era de 4,8% por ano e

enquanto o consumo crescia para 5,9%. Ou seja, foi tornando-se cada vez mais dependente conforme o tempo foi passando. Isso fez com que a demanda, tanto por ferro (minério) quanto por petróleo fossem maiores que a oferta, ocasionando um grande aumento de suas importações (NONNENBERG, 2010).

Uma área que sofreu profundas alterações foi a urbana. Como há uma enorme quantia de mão de obra na zona rural, isso fez com que ela fosse escoada para as cidades grandes, fazendo com que a faixa salarial também se mantivesse baixa nesse setor. Em números, podemos dizer que no período de 78 para 06, o número de pessoas que ingressaram nas cidades foi de 95 milhões para aproximadamente 283 (NONNENBERG, 2010). Apesar do elevado crescimento, ainda podemos tirar algo de positivo, pois houve aumento nos salários reais médios, mas também houve uma queda no preço unitário dele.

Nonnemberg (2010) mostra que ainda neste período, houve também uma eclosão dos Investimentos Diretos Externos, passando de 265 milhões para 138 bilhões de dólares. Em um primeiro momento, as empresas estrangeiras se direcionaram para as Zonas Econômicas Especiais, onde recebiam incentivos fiscais, como já exposto anteriormente neste trabalho, fazendo com que surgissem spillovers, que de acordo com Haas (1970) citado por Laraburu (2011) é: “ um dos efeitos da integração de determinada função seria a integração de outras funções, por meio de um efeito de transbordamento que levaria à intensificação dos processos de integração em curso”, e que eles exercessem uma posição essencial em seu desenvolvimento tecnológico.

Ikenberry (2010) nos mostra que o crescimento econômico chinês é estrondoso e que a sua diplomacia ativa vem sendo modificada de tal maneira que faz com que ela ganhe mais notoriedade e poder, não só impulsionando o leste asiático, mas como o mundo também.

Ainda com o pensamento de Ikenberry (2010), a economia chinesa foi quadruplicada desde a reforma de Xiaoping até os dias de hoje, e possui estimativas que ela ainda possa duplicar pelas duas décadas que estão por vir. Estima-se também que em 2020 ela ultrapassará a economia americana, pois devido a sua

população ser grandiosa, só necessitaria de um quinto da produtividade americana para ultrapassá-la.

A China, através de sua postura, estabilidade econômica e política, crescimento da economia, uma enorme reserva de dólares, investimento em pesquisa e tecnologia, mercado interno crescente, mão de obra em abundância e barata, se configura como um dos melhores países para se investir e instalar empresas.

A ascensão chinesa nas últimas décadas e também depois da crise de 2008 e 2009 tem feito o mundo voltar sua atenção cada vez mais para o gigante chinês. Cada vez mais conquistando o seu lugar no cenário mundial, ela vem ampliando sua contribuição no PIB mundial, comércio e nas finanças. A força que esta exerce neste cenário acaba por deixá-lo mais complexo e delicado, pois as projeções existentes para o seu crescimento é que ela desestabilize e passe a economia americana. Mesmo o Japão e a União Europeia não foram em momento algum que alertasse a hegemonia americana.

A China vem se destacando nas áreas políticas, militares e econômicas tanto em sua região quanto no mundo todo através de alguns fatores como seu vasto território, por ser o país mais populoso do mundo, o domínio de tecnologia e a sua economia ser uma das que mais crescem no mundo, o que a ajudam cada vez mais aumentar o seu poder de influência.

### **6.1 - Os gastos militares x ascensão pacífica**

Por meio de um antigo ditado chinês da época da dinastia Qing: *“país próspero com um exército forte”* ela vem se mostrando cada vez mais com vontade de não só exercer influência nos países asiáticos, mas como também no mundo todo. Para que isso seja possível, é necessário que ela passe a investir mais no setor militar o que gera rumores negativos sobre a sua ascensão pacífica, pois ela acaba por tornar maior o potencial de conflitos. Porém, de acordo com o Chen Zhou, deputado chinês, segundo o jornal estatal Diário da China e citado pelo jornal Epoch Times (2014) esse aumento nos investimentos de defesa deve-se ao fato de: *“(…) proteger o país e salvaguardar a paz e a estabilidade regional, a China tem*

reforçado sua defesa nacional”. O anúncio mais recente para este ano sobre os gastos militares diz que haverá um aumento de 106 bilhões para 132 bilhões de dólares.

A China vem tentando uma ascensão pacífica, e de acordo com Buzan (2010), isso é possível, porém, será um pouco mais complicado conseguir isso nessas próximas décadas, para que ela consiga, será necessário: “(...)precisa pensar muito, tanto sobre si mesmo e sobre a sociedade internacional em que agora é um grande jogador. “ A partir dessa consideração, entende-se que a questão de segurança para China é importante, pois, conquistando um lugar importante na sociedade econômica internacional, outras potências podem se sentir ameaçada pelo gigante chinês.

OLIVEIRA (2005) considera que:

“(...)segurança para China (nos planos interno, regional e internacional)é fundamental para a continuidade do desenvolvimento que a China, embora almeje um desenvolvimento pacífico, cooperativo e harmônico, vislumbra como ameaça à sua segurança tudo que possa comprometer seu processo desenvolvimentista.” (p. 99)

Buzan (2004) faz uma breve análise em seu texto sobre o crescimento chinês e sua possível pacificidade, que como já dito, é possível, mas também mostra que, o sucesso econômico pode gerar:

“Este processo irá inevitavelmente criar algumas tensões, mas tendo em conta que a China não pode repetir a sua experiência dos últimos 30 anos, essas tensões são um preço inevitável da sua ascensão. China tem escolhas sobre a forma que essas tensões tomar, e se ele desempenha bem o seu lado, as tensões não precisa ser incompatível com a ascensão pacífica.” (p. 99).

Ou seja, para a China, é interessante que os Estados Unidos se mantenham como líder global, pois ela ainda é insuficiente e assim que conseguir consolidar o processo de desenvolvimento, ela pode assumir a posição de líder. Porém, ela evita ser classificada como um ator que afronta e deseja essa posição de líder internacional e também ser um ator que desafia a supremacia norte americana.

Como já dito aqui no texto, a China está e vai continuar crescendo e isso acarretará numa determinada mudança do sistema internacional, tanto no modo econômico, social, na cultura, na segurança entre outros.

O Partido Comunista Chinês vem tentando assegurar que esse desenvolvimento seja possível através de medidas que sustentem e proporcionem o progresso da defesa nacional e também da economia. O meio que utilizarão será desenvolvendo armas modernas que sejam capazes de manter a segurança interna e externa do país.

Determinados pontos negativos como, por exemplo: a corrupção, que as vezes é punida para aquele que a pratica com pena de morte, falta de garantias sociais, baixa qualidade de vida, baixos salários, podem interferir na economia, pois a falta de preocupação do Estado com a população, pode levar as empresas estrangeiras a não mais investir no país, para não ser cúmplice com a falta de atenção aos direitos humanos. A poluição também é outro problema que afeta a China, seja nacional ou de modo internacional.

Por mais que a China esteja economicamente bem, ela não pode ser considerada desenvolvida, pois há muita diferença social dentro do país. O PIB do país é alto, mas a renda per capita não é distribuída de forma igualitária, ocasionando uma pequena quantidade de pessoas detentora do poder aquisitivo. Há problemas também com a exploração do trabalho, que choca muito os países ocidentais. Mesmo com estas características, a China vem conseguindo se firmar como uma potência, vem exercendo seu papel na economia mundial.

## **6.2 - Atuação da China dentro dos BRIC's**

A sigla BRIC's surgiu em 2001 quando Jim O'Neill, um economista da Goldman Sachs, deferiu o termo a Brasil, Rússia, Índia e China (alguns anos depois seria incluída a África do Sul) aos países emergentes da época em seu relatório "building better global economic BRICs".

De acordo com o IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada :

“Fixou-se como categoria da análise nos meios econômico-financeiros, empresariais, acadêmicos e de comunicação. Em 2006, o conceito deu origem a um agrupamento, propriamente dito, incorporado à política externa de Brasil, Rússia, Índia e China.”

O poder que os BRICs podem exercer no cenário mundial é muito grande e importante, pois durante o período de 03 a 07, o crescimento deles apontava para

65% do crescimento do PIB mundial. O poder de compra juntos também já ultrapassou tanto o dos Estados Unidos quanto o da União Europeia. Para ter uma noção do quão importante esse grupo econômico é o PIB de 2010 (que já incluía a África do Sul) batia a casa dos 11 trilhões de dólares.<sup>8</sup>

Ainda de acordo com o Ipea:

“Até 2006, os BRICs não estavam reunidos em mecanismo que permitisse a articulação entre eles. O conceito expressava a existência de quatro países que individualmente tinham características que lhes permitiam ser considerados em conjunto, mas não como um mecanismo. Isso mudou a partir da Reunião de Chanceleres dos quatro países organizada à margem da 61ª. Assembleia Geral das Nações Unidas, em 23 de setembro de 2006.”

Assim, logo após esse ato, o grupo pode não só trabalhar, mas como colocar em prática ideia que pudessem ajuda-los a manter ou crescer o seu desenvolvimento em todas e quaisquer áreas.

Em números: “Nos Brics estão 42% da população do planeta e 30% dos seus territórios. Espera-se que, em 2015, o PIB dos Brics chegue a 22% do PIB mundial.” (IPEA).

A China tem cada vez mais fortalecida a cooperação com este grupo e este também fortalece a cooperação, pois de certa forma, a china é o mais importante devido a sua economia e o papel que o país exerce no cenário internacional.

Sua importância é explicada pelo PIB chinês, que atinge a marca de 40 trilhões de yuans (dinheiro local) e o comércio exterior chega a três trilhões. Também é explicada pelo fato de seu desenvolvimento e por ter deixado de ser um território importador de capital para um exportador de capital e detentor de tecnologia e know-how.

É importante ficar claro que por mais que a China seja um grande ator dentro do BRICS e o utiliza em determinadas agendas, ela dá mais importância ao bilateralismo existente com os Estados Unidos. Ou seja, ela utiliza parte do poder e peso que o BRICS causa e não se baseia apenas nele.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br/preunivesp/3240/brasil-entre-os-brics.html>

De acordo com a entrevista de Alexandre Barbosa (2012) citada no Blog Brasil no Mundo, a China utiliza a força do BRICS para negociar com os EUA e o G-20, e também ajudar a prosperar o seu desenvolvimento. Também vende a ideia de um grupo que quer a multipolarização do cenário mundial e auxiliar o *soft power*.

### **6.3- O desenvolvimento sustentável nos dias atuais**

Como já citado anteriormente, a China teve um desenvolvimento de sua economia e expansão de suas cidades de maneira rápida sem pensar na logística de acomodar esse crescimento e modo que não gerasse prejuízos para o país e para o mundo.

Com esse rápido crescimento, houve um vasto crescimento da poluição, escassez e degradação dos recursos naturais ali presentes. A água e solo sofrem muito nas ZEE da China, o processo de erosão vem cada vez mais tomando conta da região e a água potável do país está desaparecendo.

A China participa e assina convenções internacionais, como por exemplo a Agenda 21 e o Protocolo de Kyoto, que são contra a poluição e estudam maneiras para diminuí-las, mas isso não é o suficiente para que ela não seja considerada uma das nações que mais polui o meio ambiente.

A China diz que o aproveitamento sustentável dos seus recursos naturais são importantes para manter a estratégia de desenvolvimento sustentável e que deve sim manter a diversidade e evitar que os problemas citados acima ocorram de forma difusa. Tanto o governo central quanto o local buscam iniciativas para manter ou diminuir a poluição, uma vez que ela é muito grave no território chinês.

De acordo com a OMS, Organização Mundial da Saúde, as cidades que possuem o ar mais poluído do mundo estão em sua maioria no território chinês. Como prova disso, na época que ocorreu as Olimpíadas de Pequim, em 2008, foi feito uma pesquisa pela University of Southern Califórnia colhendo amostra dos voluntários antes e depois os jogos. O resultado foi o esperado, antes dos jogos, os níveis de poluição era muito alto e depois caiu. Isso só foi possível porque o governo chinês determinou que as empresas respeitassem o nível máximo estipulado por eles na emissão de gases e poluição no ar, quem não atingisse a meta estipulada,

deveria fechar sua fábrica do começo do ano até o final das olimpíadas. Aproximadamente quarenta empresas pararam seu funcionamento durante o evento e as condições do ar em Pequim ficaram melhores sem prejudicar os atletas.

Meses após o encerramento das olimpíadas, a Organização das Nações Unidas disseram que Pequim conseguiu sim atingir a meta de diminuir a poluição local, do trânsito público e nas energias renováveis.

De acordo com a Embaixada chinesa, em 2012 foi feito um documento onde tinha como intenção focar nos esforços e progressos que a China fez desde o início deste século em relação ao desenvolvimento sustentável. Ele considera as diferenças e desafios, mostrando também iniciativas que poderão ser colocadas em prática para que assim, possa explicar o que a China pensa sobre o assunto.

Outro dado importante que também podemos analisar é que a população pobre caiu de 94,22 milhões para 26,88 milhões, ou seja, foi de 10,2% da população para apenas 2,8%.<sup>9</sup>

A China vem tentando cada vez mais adentrar nessas agendas que diz respeito ao desenvolvimento sustentável. Isso é provado pela recente notícia de que o secretário Geral da ONU agradeceu o apoio e incentivo da China aos trabalhos desenvolvidos por eles no que diz respeito à promoção da paz, a segurança e também os direitos humanos.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://br.china-embassy.org/por/szxw/t937262.htm>

## **7- Considerações Finais**

A transformação da economia chinesa se deu através das grandes reformas na economia e da abertura desta ao sistema capitalista. Com a entrada de Deng Xiaoping no poder, ele pode proporcionar essa transformação através de um programa de reforma da economia, onde aos poucos, modificaria e transformaria a estrutura econômica chinesa. As primeiras reformas foram no setor agrícola, onde ele elevou os preços desta, diminuiu as restrições e os impostos neste setor, e transferiu a responsabilidade sobre a produção para os próprios agricultores, ao invés de continuarem com os governos locais e comunas. Houve uma significativa melhora na renda familiar, que induziu o crescimento na poupança, nos investimentos no setor agrícola e a demanda por bens no país.

Outro setor que também passou por reformas foi o industrial, onde foi permitida a entrada de empresas privadas, para ajudar o desenvolvimento do país e a própria população, pois, a entrada trouxe liberalizações de salários. Também é importante dizer que algumas grandes cidades que eram localizadas na costa chinesa tiveram uma abertura ao comércio exterior e ao investimento estrangeiro.

Através dessas duas reformas, podemos dizer que foi um atrativo para o investimento externo, onde diversas empresas estrangeiras e capitais externos puderam se instalar no país, proporcionando um possível desenvolvimento e fortalecimento desses setores e também, trazendo novas tecnologias, melhores infraestrutura e criação de novos empregos no país.

Assim, podemos dizer que logo quando Deng Xiaoping entrou no poder, em 1979, deu início a transformação da economia chinesa. Através de reformas nos partidos e da maneira que a população como um todo pensava. O objetivo inicial de Deng era aumentar a renda per capita.

Outro fator importante que se deve o crescimento econômico foi a criação de zonas econômicas especiais, onde houve uma abertura econômica estrangeira e assim, foi introduzido capital e tecnologia. Com a redução de tarifas nessas áreas, houve um enorme crescimento na entrada de empresas no país.

Outro motivo que levou ao desenvolvimento foi a inserção da China na OMC, em 2001, que possibilitou o processo de integração dela no cenário internacional, mostrando firmeza e tenacidade em querer ter uma grande economia e mostrando que ela é um dos maiores parceiros de e para comércio dentre as demais economias.

Como já dito aqui no texto, o desenvolvimento econômico chinês será contínuo e isso acarretará numa determinada mudança do sistema internacional, tanto no modo econômico, social, na cultura, na segurança entre outros.

A China vem tentando uma ascensão pacífica, e de acordo com Buzan (2010), isso é possível, porém, será um pouco mais complicado conseguir isso nessas próximas décadas, para que ela consiga, será necessário: “(...)precisa pensar muito, tanto sobre si mesmo e sobre a sociedade internacional em que agora é um grande jogador. “ A partir dessa consideração, entende-se que a questão de segurança para China é importante, pois, conquistando um lugar importante na sociedade econômica internacional, outras potências podem se sentir ameaçada pelo gigante chinês.

Podemos ter uma ideia do rápido crescimento da economia chinesa a partir de sua participação no comércio internacional, onde em 1980 eram apenas 1% e nos anos de 2003, passou para 6%.<sup>10</sup> Considerando o êxito que a China teve no âmbito econômico, podemos dizer que ela conseguiu uma atuação no cenário internacional mais acentuada e incisiva, para ser de fato uma grande potência. Isso faz com que as demais potências se sintam ameaçadas pelo seu vasto crescimento, e questionam se o que a China deseja com tudo isso é uma ascensão pacífica.

O Partido Comunista Chinês vem tentando assegurar que esse desenvolvimento seja possível através de medidas que sustentem e proporcionem o progresso da defesa nacional e também da economia. O meio que utilizarão será desenvolvendo armas modernas que sejam capazes de manter a segurança interna e externa do país.

---

<sup>10</sup> Dados retirados do site:

[http://www.frbatlanta.org/pubs/econsouth/05q2portugues\\_o\\_crescimento\\_economico\\_da\\_china.cfm](http://www.frbatlanta.org/pubs/econsouth/05q2portugues_o_crescimento_economico_da_china.cfm)

Deng Xiaoping (2008, p.29) disse que a China está atuando sob um sistema internacional dominado pelos poderes ocidentais que, no ocaso da Guerra Fria, desenvolveram uma identidade de grupo baseada na democracia liberal, no capitalismo de livre mercado e na responsabilidade internacional. Também fala que a China sofre constantemente discriminação política e encara críticas no que se refere à questão dos direitos humanos, como governo autoritário.

Por mais que a China esteja economicamente bem, ela não pode ser considerada desenvolvida como um todo, pois há muito que mudar dentro do país. Por mais que seu PIB seja alto, a renda per capita não é distribuída de forma igualitária, ocasionando uma pequena quantidade de pessoas detentora do poder aquisitivo, baixos salários e qualidade de vida baixa a maioria da população. Há problemas também com a exploração do trabalho, falta de garantia social que podem interferir na economia, pois a falta de preocupação do Estado com a população pode levar as empresas estrangeiras a não mais investir no país, para não ser cúmplice com a falta de atenção aos direitos humanos. A poluição também é outro problema que afeta a China, seja de modo nacional ou internacional que choca muito os países ocidentais.

Mesmo com estas características, a China vem conseguindo se firmar como uma potência, vem exercendo seu papel na economia mundial.

## 8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Internacional de Pequim. Pequim Lança Plano para diminuir poluição do ar na Olimpíada. Uol. 2008. Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/ultimas/2008/02/22/ult5584u509.jhtm>

ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim. Boitempo. 2008

BARBOSA, Alexandre. Os BRICS são uma ‘carta na manga’ para a China. Brasil no Mundo. IN: Contribuições para a Política Externa Brasileira. 2012. Disponível em : <http://blogbrasilnomundo.wordpress.com/2012/11/13/os-brics-sao-uma-carta-na-manga-para-a-china-entrevista-com-alexandre-barbosa/#more-196>

BUZAN, Barry. *From International to World Society?* (Cambridge: Cambridge University Press, 2004), pp. 161–270.

CANUTO, O. Crise e americanização das finanças japonesas. Nexos Econômicos (Salvador), v. 1, n.2, p. 95-103, 1999.

DALL'ACQUA, F.. Crescimento e estabilização na Coréia do Sul, 1950-86. **Revista Brasileira de Economia**, Brasil, 45, jan. 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/512/7643>. Acesso em: 01 Jul. 2014.

Embaixada Chinesa. Disponível em: <http://br.china-embassy.org/por/szxw/t937262.htm> . Acesso em: 04 jul. 2014.

IKENBERRY, G. J. 2010. A ascensão da China e o futuro do Ocidente: o sistema liberal sobreviverá? In: SPEKTOR, M. & NEDAL, D. (orgs.). *O que a China quer?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/forumbrics/pt-BR/conheca-os-brics.html> . Acesso em: 03 jul. 2014.

JÚNIOR, Edgard. ONU agradece apoio da China ao desenvolvimento sustentável. Rádio Onu. Nova York. 2014. Disponível em: <http://www.dcomercio.com.br/2014/05/20/onu-agradece-apoio-da-china-ao-desenvolvimento-sustentavel>

KAUFFER, Rémi. Deng Xiaoping, O arquiteto do milagre chinês. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/deng\\_xiaoping\\_-\\_o\\_arquiteto\\_do\\_milagre\\_chines.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/deng_xiaoping_-_o_arquiteto_do_milagre_chines.html) . Acesso em: 05 Jul. 2014.

LEGRO, Jeffrey W.. “O que a China vai querer? As futuras intenções de uma potência em ascensão.” In “O que a China quer?”, NEDAL, Dani & SPEKTOR, Matias (orgs.), Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010 - See more at: <http://cenarioestrategico.com/?p=621#sthash.tsovW4mo.dpuf> Acesso em: 06 jul. 2014.

LYRIO, Mauricio Carvalho. A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos / Mauricio Carvalho Lyrio. – Brasília : FUNAG, 2010.

MARTI, Michael E. A China de Deng Xiaoping / Michael E Marti ; tradução de Antonio Sepulveda. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2007

MASIERO, Gilmar . A economia coreana: características estruturais. In: Samuel Pinheiro Guimarães. (Org.). Coréia: visões brasileiras. Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2002, v. , p. 199-252.

MASIERO, Gilmar . As lições da Coréia do Sul. RAE Executivo (Cessou em 2004. Cont. ISSN 1806-8979 GV Executivo), Sao Paulo, v. 1, n. 2, p. 16-21, 2003.

MATHEUS, Camila.O Dragão Chinês e os Tigres Asiáticos. *Rev. bras. polít. int.* [online]. 2001, vol.44, n.1, pp. 186-188. ISSN 0034-7329. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292001000100019>.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. A China como um duplo pólo na economia mundial e a recentralização da economia asiática. *Rev. Econ. Polit.* [online]. 2006, vol.26, n.3 [cited 2014-08-05], pp. 381-400 . Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572006000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572006000300004&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0101-3157. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31572006000300004>.

NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: estabilidade e crescimento econômico. *Rev. Econ. Polit.*, São Paulo , v. 30, n. 2, June 2010 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572010000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200002&lng=en&nrm=iso)>. access on 9 July 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31572010000200002>.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. A China e o sistema internacional de segurança. In: JOBIM et alli (orgs.), **Segurança internacional**: Perspectivas brasileiras, p. 97-114.

PEDROZO, Gustavo Erler. "Controle institucional na governança corporativa: uma análise das reformas nas empresas estatais chinesas" São Paulo, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 13p. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300853380\\_ARQUIVO\\_Controleninstitucionalnagovernancacorporativa\\_umaanalisadasreformasnasempresasestataischinesas.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300853380_ARQUIVO_Controleninstitucionalnagovernancacorporativa_umaanalisadasreformasnasempresasestataischinesas.pdf)

PHILIPP, Joshua. Aumento do orçamento militar da China vem com um toque de hostilidade. *Jornal Epoch Times*. 2014. Disponível em: <http://www.epochtimes.com.br/aumento-orcamento-militar-china-toque-hostilidade/#.U8PzHZRdWSo> Acesso em: 10 jul. 2014.

SAINT-PIERRE, Héctor, Grandes tendências da segurança internacional contemporânea. In: JOBIM et alli (orgs.), **Segurança internacional**: Perspectivas brasileiras, p. 31-48.]

SERRA, António M. de Almeida. 1997. "China: as reformas económicas da era pós-Mao". *Administração*, 36:449-495; disponível em <http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/chinarevmac.pdf> . Acesso em: 12 jul. 2014.

SHENKAR, Oded (2005), **O Século da China – A Ascensão Chinesa e o Seu Impacto sobre a Economia Mundial, o Equilíbrio do Poder e o (Des)emprego de Todos Nós**. Bookman, Porto Alegre.

SULEIMAN, Amanda Battaglini. O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CHINÊS pós 1949, São Paulo, FAAP, 2008, 45p. Disponível em: [http://www.faap.br/faculdades/economia/pdf/monografias/amanda\\_battaglini.pdf](http://www.faap.br/faculdades/economia/pdf/monografias/amanda_battaglini.pdf)

SUKUP, Viktor. A China frente à globalização: desafios e oportunidades. *Rev. bras. polít. int.*, Brasília , v. 45, n. 2, Dec. 2002 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-)

73292002000200005&lng=en&nrm=iso>. access  
on 9 July 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292002000200005>.

TORRES FILHO, Ernani T. **Japão**: da industrialização tardia à globalização financeira, *In*: FIORI, (org), *Estados e Moedas no desenvolvimento das Nações*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

TROYJO, Marcos. Metamorfose à chinesa. *Brasil Econômico*. 2011. Disponível em: <http://www.imil.org.br/artigos/metamorfose-chinesa/> .Acesso em: 08 jul. 2014.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. A novíssima China e o Sistema Internacional. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 19, supl. 1, Nov. 2011. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782011000400009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782011000400009&lng=en&nrm=iso)>. access  
on 17 July 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782011000400009>.

YUCING, Giovana Gia. “China: o impacto das reformas econômicas chinesas dentro e fora do país” 2013. Disponível em: <http://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/09/07/china-o-impacto-das-reformas-economicas-chinesas-dentro-e-fora-do-pais/>